

# **O ABSURDO E O RECONHECIMENTO DO OUTRO. UMA REFLEXÃO SOBRE AS TESES SOBRE VIOLÊNCIA DE RICARDO TIMM E O CONCEITO DE ABSURDO EM CAMUS.**

Marco Aurélio de Medeiros Jordão<sup>1</sup>

## **RESUMO**

A negação do 'Brasil real' é o mote principal para o desenvolvimento desse ensaio. Ao refletirmos sobre algumas teses defendidas nos rincões do nosso país percebe-se não só uma cruel e violenta ignorância, como também a manifestação de uma crueldade douta, uma violência transvestida de academicismo e sapiência. Essas duas espécies de manifestações de violência ocorrem pela ausência de percepção do que venha a ser o 'Outro' e pela necessidade de negação da alteridade com o objetivo de justificação de tais atos de violência. A tolerância é ilusória e se dá pelo simples fato de se ter que conviver, porque 'assim é o certo', ou por simples imposição formal de tal ato. A proposta desse pequeno ensaio é vos convidar para uma reflexão sobre alguns problemas que se apresentam em nossa sociedade, e que, muitas vezes, por serem cotidianos, nos parece como naturais e comuns. Para tal empresa nos valeremos não somente das teses sobre violência presentes no texto do Professor da PUCRS, Ricardo Timm, "Violência e Alteridade no contexto contemporâneo: algumas considerações filosóficas", assim como do livro de Albert Camus, "L'homme Révolté". Nesta obra exporemos o conceito de 'Absurdo' com o objetivo de mostrar o aparecimento do movimento de passagem de um 'eu' solitário para um 'eu' solidário, que nos poderá trazer pistas para entendermos o motivo pelo qual o indivíduo simplesmente nega o outro em uma tolerância que se aproxima a um Brasil oficial e se afasta de vez do Brasil real.

**Palavras Chaves:** Violência. Alteridade. Camus. Ricardo Timm. Brasil.

## **ABSTRACT**

The denial of the 'real Brazil' is the main theme in the development of this essay. As we reflect on common theses defended in some corners of our country, we find not only a cruel and violent ignorance, as well as the manifestation of a scholar cruelty, a violence disguised as academicism and wisdom. These two kinds of manifestations of violence happen because of the lack of understanding of what the 'Other' means and the need to deny alterity in order to justify such acts of violence. Tolerance is illusory and it is caused by the simple fact of having to coexist, because 'it is the proper thing to do', or simply because of the formal imposition of such act. The purpose of this short essay is an invitation to reflect about some problems that are present in our society and, because of our daily lives, are often seen as natural and common. For this purpose, we will not only use the theses on violence contained in the text of Professor Ricardo Timm (PUCRS), "Violence and Alterity in contemporary context: some philosophical considerations", as well as the book of Albert Camus, "L'homme Révolté". In this work we will present the concept of 'Absurd' with the intention of showing the movement of

---

<sup>1</sup> Doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, com estágio doutoral em Madri, pela Universidad Autónoma de Madri. Professor doutor pelo UniRN. E-mail: marfilobr@hotmail.com

passage from a *solitary* 'I' to a *solidarity* 'I', which can bring us clues to understand why the individual simply denies the other in a tolerance that gets closer to an 'official Brazil' and further to the 'real Brazil'.

**Key Words:** Violence. Alterity. Camus. Ricardo Timm. Brazil.

## 1. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.

Em sua famosa tese sobre a construção da identidade brasileira, Ariano Suassuna, faz uma análise, ao modo que lhe é peculiar, sobre a construção de dois Brasis bastantes distintos. O Brasil oficial, aquele país do futuro, moderno e desenvolvido, por um lado; e o Brasil real aquele do sofrimento, da miséria e da resistência, própria do sertão nordestino.

Euclides da Cunha, formado, como todos nós, pelo Brasil oficial, falsificado e superposto, saiu de São Paulo como seu fiel adepto positivista, urbano e "modernizante". E, de repente, ao chegar ao sertão, viu-se encandeado e ofuscado pelo Brasil real de Antônio Conselheiro e seus seguidores. Sua intuição de escritor de gênio e seu nobre caráter de homem de bem colocaram-no imediatamente ao lado dele, para honra e glória sua. Mas a revelação era recente demais, dura demais, espantosa demais. De modo que, entre outros erros e contradições, só lhe ocorreu, além da corajosa denúncia contra o crime, pregar uma "modernização" que consistiria, finalmente, em conformar o Brasil real pelos moldes da Rua do Ouvidor e do Brasil oficial. Isto é, uma modernização falsificadora e falsa, e que, como a que estão tentando fazer agora, é talvez pior do que uma invasão declarada. Esta apenas destrói e assola, enquanto a falsa modernização, no campo como na cidade, descaracteriza, assola, destrói e avilta o povo do Brasil real<sup>2</sup>.

Essa negação do Brasil real, o Brasil absurdo, é o mote principal para o desenvolvimento desse ensaio. O que se percebe, ao se deparar com algumas teses defendidas sobre as possíveis soluções para o nosso país, não só nos recantos norte e nordeste, mas também nos confins de todo o país, é não só uma cruel e violenta ignorância, no sentido platônico do termo, ou seja, o erro se faz por pura falta de saber; como também a manifestação de uma crueldade doura, numa violência transvestida de academicismo e sapiência. Essas duas espécies de manifestações de violência ocorrem pela falta de percepção do que venha a ser o 'Outro' e pela necessidade de negação da alteridade com o objetivo de justificação de tais atos de violência. A tolerância é ilusória e se dá pelo simples fato de ter que conviver, porque 'assim é o certo', ou por simples imposição formal de tal ato. O tolerar se tornou um fardo a ser carregado, eis o fato!

---

<sup>2</sup> Cf. Revista do IPEA, Acesso: [http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2639:catid=28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2639:catid=28&Itemid=23). Data de acesso: 18/11/2015.

Para não se cometer o mesmo erro e ser vítima do diagnóstico acima descrito, procuraremos não só fugir da ignorância, nem um pouco santa, como também tentaremos não nos escondermos em categorias e conceitos com o intuito de justificar uma tese camuflada de juízos de valor. Por isso, a proposta desse texto é vos convidar para uma reflexão de alguns problemas que se apresentam em nossa sociedade, e que, muitas vezes, por serem cotidianos, nos parece como natural e comum.

Para isso nos valeremos não somente das teses sobre violência presentes no texto do professor Ricardo Timm<sup>3</sup>, “Violência e Alteridade no contexto contemporâneo: algumas considerações filosóficas”, assim como do livro de Albert Camus, “O Homem Revoltado”. Nessa obra exporemos o conceito de ‘Absurdo’ com o objetivo de mostrar o aparecimento do movimento de passagem de um ‘eu’ *solitário* para um ‘eu’ *solidário*<sup>4</sup>, que nos poderá trazer pistas para entendermos o motivo pelo qual o indivíduo simplesmente nega o outro em uma tolerância que se aproxima a um Brasil oficial e se afasta de vez do Brasil real tão bem descrito nas obras do arauto dos compadecidos.

## 2. VIOLÊNCIA X ALTERIDADE, TESES SOBRE A VIOLÊNCIA.

Em seu breve ensaio intitulado “Três teses sobre a violência. Violência e Alteridade no contexto contemporâneo: algumas considerações filosóficas”, Ricardo Timm expõe uma tese, de inspiração levinasiana, de que os problemas hodiernos centrais são problemas que necessariamente perpassam a ética. Poderíamos arriscar a dizer que para ele isso é determinante para garantir, às futuras gerações, a sua própria sobrevivência e também garantir a permanência do próprio sentido do que venha a Ser o Humano.

Não hesitamos absolutamente em afirmar – na inspiração de vários pensadores contemporâneos como, por exemplo, Emmanuel Levinas – que todos os problemas decisivos e centrais de nossa situação de transmutação civilizatória são problemas fundamental e eminentemente éticos: das grandes questões sócio-ecológicas à manipulação genética, da distribuição da riqueza à renovação das formas do exercício da cidadania, em todas essas questões – como em muitas outras que envolvem desde a nova compreensão do ser humano enquanto indivíduo e membro de uma comunidade até as bases epistemológicas mais profundas e decisivas da investigação científica e das aplicações técnicas -, emerge de forma absolutamente incisiva a questão

<sup>3</sup> Cf. Acesso: <http://www.timmsouza.blogspot.com.br/2012/09/tres-teses-sobre-violencia.html>. Data de acesso: 18/11/2015.

<sup>4</sup> Tese defendida no artigo “Absurdo e Revolta em Camus” dos autores, José João Neves Barbosa Vicente e de Frances Deizer Gontijo. Cf. VICENTE, J. J. Neves Barbora & GONTIJO, Frances Deizer. *O Absurdo e a Revolta em Camus*. Revista Trias, ano III - nº 5 – Julho a dezembro de 2012.

ética, sob a forma, poderíamos dizer, do questionamento profundo da eticidade das questões em foco<sup>5</sup>.

Numa tentativa de mostrar o problema que traz a simples substituição da ética pelo jurídico, argumentação bastante comum em nosso tempo, o professor Timm expõem a relevância que a discussão da ética tem para um dos problemas mais graves que o ser humano vem enfrentando, qual seja, o da violência. Essa tese toma um sentido mais preciso quando se entende a ética em sua conceituação mais essencial, no sentido de *éthos*, ou seja, quais hábitos podem tornar nosso habitat habitável. Nesses termos a reflexão sobre a violência é primordial.

No entanto, o conceito de violência que interessa ao professor, não se resume a um conceito sociológico, histórico, ou de ordem psicológica, ou ainda, a imbricação de todos eles, mas sim em um sentido de entrelaçamento que:

(...) aproveitando os diversos níveis de tratamento dado ao assunto, indica a sua própria categorização filosófica, assumindo a posição de uma categoria compreensiva- interpretativa da realidade, e não mais, apenas – a de uma incisiva questão que a realidade propõe continuamente a cada um de nós<sup>6</sup>.

## 2.1. AS TRÊS TESES DE VIOLÊNCIA.

Nessa perspectiva, o pensador gaúcho reúne as categorias de alteridade e de violência em um sentido de antagonismo e constrói três teses que pode nos servir de base para compreensão dos temas aqui expostos. Vamos às teses:

- I) *Tudo aquilo que entendemos por violência, em todos os níveis, do mais brutal e explícito à violência coercitiva e socialmente sancionada do direito positivo, e, inclusive, a violência auto infligida, repousa no fato exercido de negação de uma alteridade.*
- II) *Não é possível compreender as infinitas manifestações da violência a não ser superando a fragmentação intelectual-emocional a que essas induzem por seu próprio acontecer. Assim, a maior das violências consiste em velar os vínculos profundos que qualquer ato violento tem com qualquer outro ato violento.*

<sup>5</sup> Cf. Acesso: <http://www.timmsouza.blogspot.com.br/2012/09/tres-teses-sobre-violencia.html>. Data do acesso: 18/11/2015.

<sup>6</sup> Cf. Acesso: <http://www.timmsouza.blogspot.com.br/2012/09/tres-teses-sobre-violencia.html>. Data do acesso: 18/11/2015.

III) *É possível pensar que a desarticulação da racionalidade violenta passe pelo questionamento radical de certos postulados da razão tidos como intocáveis pelo esclarecimento moderno e que, pregando a unidade racional da razão, na verdade acobertam a violência exercida contra outras racionalidades possíveis e reais.*

A primeira tese sobre a violência revela um tipo de violência que por vezes é velada. Essa violência nega a condição do outro como outro, ou seja, na diferença não se tem poder de mando e decisão. Ele é simplesmente excluído ou reduzido a decisões que não se impõe como ‘outros’, logo, não alteram em nada sua condição de diferente; como uma cobra que por falta de alimento engole a si mesma a partir do próprio rabo e termina por desaparecer pondo fim a sua existência. Isso se dá em vários níveis, desde uma decisão na esfera particular e individual até na esfera coletiva e social, nos esclarece Timm. O diferente é reduzido a uma categoria de um não existente. Isso se chama de, segundo Ricardo Timm<sup>7</sup>, *negação de uma alteridade*: “a tentativa de neutralizá-la (a alteridade) enquanto tal aniquilá-la ou reduzi-la ao campo próprio de decisão do “mesmo”, da Totalidade autorreferente que tem a posse do discurso e a força para exercer o seu poder”.

Uma espécie de violência que é alienante. Poderia ser assim resumida a segunda tese sobre a violência. A negação da alteridade aqui, quando são explícitas, elas são apresentadas e justificadas como algo metafísico, dando um caráter de naturalidade a essa negação e, portanto, justificando tal violência. Ou ainda ela pode se apresentar como algo pretensamente científico, cujas conclusões de justificações dessa violência perpassem uma neutralidade que não possam ser negadas. Assim, todas as formas de negação da alteridade são negadas e as justificações das mais diversas formas de violência vão se dar em “um polo poderoso e totalizante de decisão”.

Na terceira tese sobre violência se apresenta uma necessidade de revisão acerca dos ideais iluministas de igualdade justificada por uma razão pretensamente infalível. Mas que, todavia, o que se tem no mundo da vida é uns mais iguais do que outros. O que se exige na contemporaneidade, por outro lado, é a efetivação da diferença, a chamada “diferença exercida”, aonde se respeite o outro como si mesmo e a particularidade permaneça intacta.

---

<sup>7</sup> Cf. Acesso: <http://www.timmsouza.blogspot.com.br/2012/09/tres-teses-sobre-violencia.html>. Data do acesso: 18/11/2015.

O que se constata ao analisar tais teses é que a violência está presente em várias esferas da nossa existência, muitas vezes bastante perceptíveis, como ao nos depararmos com a condição sub-humana em que vivemos muitos de nós, ou em preconceitos não velados que sofremos por mera ignorância por não percebemos o outro em sua diferença angustiante. No entanto, a violência tratada aqui, ou a que nos interessa de maneira particular, é a violência microfísica – para nos apropriarmos irresponsavelmente do conceito. É a violência justificada, da crueldade doutra que se apresenta, muitas vezes, em bancos de universidades e em bancos financeiros. As teses do professor Ricardo nos faz refletir sobre essa violência. Essa reflexão nos faz ver o Brasil apresentado por Ariano como o Brasil real de Antônio Conselheiro ou de Jacobina Maurer. Mas, diferente de Euclides da Cunha, devemos compreender esses mecanismos de dominação violenta contra o outro e procurar inseri-lo e não o negar. Compreender o outro em suas particularidades e humanidades faz-se necessário.

No entanto, como fazê-lo? Como tentar defender uma tese que não caia numa falácia de totalidade em que o outro desapareça? Como entender o “eu” e o “outro” em perfeita equidade? Bem, existem alguns caminhos bem delimitados na filosofia, da antiguidade até a contemporaneidade. E o percurso aqui escolhido é o diálogo com Albert Camus, na sua defesa de um humanismo sincero, aonde ele nos convida a radicalizar o pensamento na defesa e reafirmação da vida. E, para isso, introduz as categorias de Absurdo e Revolta na filosofia.

### **3. CAMUS: ABSURDO COMO PASSAGEM PARA O “EU” SOLIDÁRIO.**

#### **3.1. A VIDA ABSURDA.**

Camus é um daqueles filósofos que se encaixam na categoria de marginalizados pela história da filosofia. Ainda que ele seja muito bem aceito como romancista, autor (e ator) de teatro e jornalista, a ressalva sempre aparece quando se tenta qualifica-lo de filósofo. Isso tem um motivo bastante pontual: a sua desavença com o então Filósofo Jean Paul Sartre. E o motivo da desavença é justamente a obra que será apresentada, de maneira sucinta, nesse diálogo entre amigos. Sartre rejeita com veemência a crítica que Camus faz as revoltas de inspiração marxistas e o classifica como um filósofo menor, ou simplesmente não reconhece o teor filosófico de suas obras. Não obstante as fofocas

filosóficas aqui expostas, o que interessa é compreender como o pensador Camus formula os conceitos centrais de sua filosofia, quais sejam: Absurdo e Revolta.

Para isso é importante expormos um pouco a vida e a origem desse filósofo. Antes mesmo que sejamos vítimas de suspiro de enfado é necessário entendermos que, nesse caso, a obra não se desgarra do autor.

Foi no contraste e na contradição entre a miséria e a extrema beleza que é típica da cidade de Argel, na Argélia, que Albert Camus nasceu e viveu intensamente a experiência do absurdo. Foi entre essa austeridade e a desconfiança na vida que a pobreza lhe trouxe, e a reafirmação daquela proporcionada pela beleza sem pudor e gratuita que as praias e o sol de Argel inspiraram não só suas obras mais filosóficas “O mito de Sísifo” e o “Homem Revoltado”, como também, suas obras literárias e de teatro (que podiam ser tidas e lidas como filosóficas), tais, “O Estrangeiro”, “A Peste” e “Estado de Sítio”. Por causa dessas obras ele recebeu, em 1957, o prêmio Nobel de literatura.

Apesar do absurdo que irá acompanhar sua vida é a sorte (não deixa de ser absurdo) em conhecer um bom professor que o fez chegar a ser o pensador que ele foi. Escapando de ser um simples artesão, ele se destaca em todos os cursos e atividades que faz (Camus fora um bom goleiro em sua universidade) e se forma em Letras. No entanto, uma tuberculose absurda o impede de exercer a profissão de professor, restando-lhe apenas empregos temporários para sustentar a si e à sua mãe doente. Mas ele encontrou a redenção intelectual como jornalista, que lhe deu destaque para ser bem recebido pela crítica em suas obras teatrais e de literatura, além de dar oportunidade de ele fazer parte da frente de resistência à absurda invasão nazista a Europa e na África.

Finalmente, nesse breve relato sobre sua breve vida, a morte, que sempre o acompanhou em suas obras, também lhe apareceu de forma absurda em um acidente de carro no qual ele não deveria estar, pois comprara um bilhete de trem que chegou sem problemas ao seu destino. Escolha errada, escolha absurda, eis o destino de Camus.

### **3.2. O ABSURDO: A REAFIRMAÇÃO DO OUTRO.**

A peculiaridade no pensamento de Camus se dá na sua proposta de radicalizar o conceito de alteridade, entender qual é o lugar da existência, ou não existência, do “eu” e do “outro” no mundo:

(...) Só conseguimos agir no nosso próprio tempo, entre os homens que nos cercam. Nada saberemos, enquanto não soubermos se temos o direito de matar este *outro* que se acha diante de nós ou de consentir que seja morto. Já que atualmente qualquer ação conduz ao assassinato (...), não podemos agir antes de saber se, e por que, devemos ocasionar a morte<sup>8</sup>.

Essa pergunta radical tem uma razão de ser em Camus. É a acessibilidade dos conteúdos filosóficos que vão ser o móbil dessa reflexão. O que interessa para ele é essa reflexão do existir em épocas absurdas, é levar, a partir dessas reflexões, os seres humanos à ação. Para ele, portanto, não são os conteúdos deveras abstratos, cuja capacidade de assimilação é para poucos, para os Filósofos que vão fazer entender o verdadeiro sentido da existência.

Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, aparece em seguida. São jogos. É preciso, antes de tudo, responder. E se é verdade como pretende Nietzsche, que um filósofo, para ser confiável, deve pregar com o exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, já que ela vai preceder o gesto definitivo<sup>9</sup>.

O desafio proposto por Albert Camus, portanto, é de transformação. É converter em liberdade o verdadeiro absurdo que é viver, ou seja, por mais absurda que possa parecer a vida que nos rodeia devemos reafirmá-la tantas vezes quanto possamos fazer. Isso é feito quando se trata na nossa vida/morte e de nossa existência/não existência, como é o caso do suicídio na obra “O mito de Sísifo”, como também é o caso da *morte-do-outro*, sua preocupação central, e do nosso círculo, presente no “Homem Revoltado”.

O que vemos na reflexão filosófica de Camus no *Homem Revoltado* é a tentativa de entender o desmembramento vivido pelo homem contemporâneo entre ele e o mundo. O grande desafio é “sentir no espírito” a necessidade desenfreada de entender esse mundo, dissecá-lo à modernidade, por um lado, e a total indiferença cínica de Meursault no outro extremo: Eis o verdadeiro sentimento de absurdo denunciado pelo filósofo. É nesse Embate entre Homem e Mundo, nesse jogo comparativo, inato neles, que o absurdo nasce. Não há possibilidade de cisão nem de destruição entre essas três esferas! Então, nesse tolerar indesejado, presente no espírito humano, o absurdo tem como fim último a morte.

<sup>8</sup> CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 14.

<sup>9</sup> CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. p. 23.

Chegamos ao extremo. Camus nos põe em cheque ao fazer tal assertiva: “[no absurdo] não há pró nem contra, o assassino não está certo nem errado. Podemos atizar o fogo dos comentários, assim como também podemos nos dedicar ao cuidado dos leprosos. Malícia e virtude tornam-se acaso ou capricho<sup>10</sup>”. À vista disso, fica um desejo de perguntar se nesse caos, numa falta total de sentido do mundo, que é o absurdo, se há legitimidade em acabar com a existência do outro. Não estamos falando no sentido meramente ontológico de negação do ser, mas de ceifar a vida. Eis que, nesse jogo argumentativo, ele surge com uma resposta a tal questionamento contrapondo a lógica *niilista*. Eis o argumento na íntegra:

A lógica não pode encontrar satisfação numa atitude que deixa perceber que o assassinato ora é possível, ora impossível. Isso porque a análise absurda, após ter tornado no mínimo indiferente o ato de matar, na mais importante de suas consequências, acaba por condená-lo. A conclusão última do raciocínio absurdo é, na verdade, a rejeição do suicídio e a manutenção desse confronto desesperado entre a interrogação humana e o silêncio do mundo. O suicídio significaria o fim desse confronto, e o raciocínio absurdo considera que ele não poderia endossá-lo sem negar suas próprias premissas. Tal conclusão, segundo ele, seria fuga ou liberação. Mas fica claro que, ao mesmo tempo, esse raciocínio admite a vida como o único bem necessário porque permite justamente esse confronto (...). Para dizer que a vida é absurda, a consciência tem necessidade de estar viva. (...). Não se pode dar uma coerência ao assassinato, se a recusamos ao suicídio<sup>11</sup>.

Na total falta de sentido do absurdo é que o filósofo Argelino faz ver o Outro. É reafirmando as contradições inerentes ao homem que se encontra a humanidade. Na negação do suicídio, e, por conseguinte, a negação ao assassinato é que nós podemos encontrar a passagem de um “eu” solitário, perdido nas contradições do absurdo, para um “eu” solidário que reafirma não só a si, mas reafirma o Outro. “A consciência do Outro tem a mesma obrigação de viver que minha consciência para manter o constante conflito “homem-mundo”, manter o sentimento do absurdo<sup>12</sup>”. Portanto, colocando em ordem de preferência a vida em relação à morte, para que haja uma coerência da nossa consciência em relação ao mundo, é que Albert Camus afirma o Outro, em sua diferença e em sua absurdidade.

#### 4. ULTIMAS PALAVRAS.

<sup>10</sup> CAMUS, Op. Cit., 1996. p. 15.

<sup>11</sup> CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 17.

<sup>12</sup> VICENTE, J. J. Neves Barbora & GONTIJO, Frances Deizer. *O Absurdo e a Revolta em Camus*. Revista Trias, ano III - nº 5 – Julho a dezembro de 2012.

No Brasil real em que nós vivemos a violência está presente em todos os seus sentidos. Desde a violência causada pelas drogas e pelo esquecimento nas periferias das grandes cidades brasileiras, até a violência da fome e do esquecimento no sertão nordestino. Isso já é absurdo o suficiente, além de suficientemente sabido entre todos, se não fosse uma violência tão assustadora quanto essa que estamos retratando. É a violência causada pelo Brasil oficial que justifica a continuidade de tais descasos e desmandos. Os desdobramentos disso é a perpetuação de uma ordem estabelecida que forma um círculo de violência infundável. O Brasil oficial nega o 'Outro', o põe num patamar de esquecimento e por vezes de escárnio. A consequência disso é a negação de si mesmo como Outro que sou. A unidade (cultural, ideológica, dos costumes etc.) traz o totalitarismo existencial, e a tese dos Brasis que são diferentes em sua unidade se perde num desejo de criar um *Brazil*. Finalmente, o presente ensaio teve como proposta trazer a luz essa discussão sobre o tema da violência com o objetivo de fomentar o debate e o diálogo entre discursos ímpares e plurais. A verdade não está posta aqui, o outro terá sempre lugar nesse ambiente de confraternização de ideias, que é a academia.